

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
20 de agosto de 2022

SAFETY LAST / 1923

(O Homem Mosca)

um filme de Fred Newmeyer e Sam Taylor

Realização: Fred Newmeyer e Sam Taylor / **Argumento:** Hal Roach, Sam Taylor, Tim Whelan / **Fotografia:** Walter Lundin / **Direcção Artística:** Fred Guiol / **Intérpretes:** Harold Lloyd (o rapaz), Mildred Davis (a rapariga), Bill Strother (o amigo), Noah Young (a Lei), Mickey Daniels (o garoto), Anna Townsend (a avó), Westcott B. Clarke.

Produção: Hal Roach / **Cópia:** DCP, preto e branco, mudo com música, intertítulos em inglês, com legendas eletrónicas em português, 68 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 1 de Abril de 1923 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 2 de Janeiro de 1928.

A sequência de abertura de **Safety Last**, um dos filmes mais famosos de Harold Lloyd, pode considerar-se paradigmática da obra do comediante e das suas características face aos outros reis do burlesco, Chaplin, Keaton ou o que apareceu depois, Harry Langdon. Pode dizer-se que o cinema de Lloyd é um cinema de efeito, humorístico naturalmente, tão pensado e calculado (a milímetro) como o dos outros, mas ao contrário destes, esgota-se em si mesmo, satisfeito de ter pregado uma surpresa ao espectador, de o ter feito rir e emocionar-se. Como a personagem, o eterno optimista, é um cinema contente consigo próprio. Vejamos essa sequência que é, a todos os títulos, notável. Ao começar o filme vemos uma despedida que tudo indica trágica: do outro lado das grades, no que parece ser uma cela, um par beija-se num comovente adeus, perante figuras fardadas e uns velhos (os pais). Na profundidade de campo, um pouco mais atrás vemos uma forca. A cena é, pois, pungente, mas extremamente insólita para o cinéfilo que sabe o que vai ver, um burlesco. Como assim? Talvez seja um sonho, artimanha frequente quando se trata destas histórias (o "flash-back" da guerra da Secessão em **Grandma's Boy**, outro Lloyd, por exemplo). Não é preciso esperar muito para se saber o que se passa. No segundo plano a câmara está no ângulo oposto e tudo se esclarece: as grades era o gradeamento da entrada de uma estação de caminhos de ferro, a "forca" era isso mesmo, mas a que então costumava ser usada para se pendurar o saco de correio que era "puxado" pelo comboio. A despedida é também despedida, mas de um jovem que parte para a cidade à conquista da fortuna, deixando a noiva à espera. O *gag* é perfeito, o efeito de surpresa não falha, mas, como dissemos atrás, esgota-se aqui. Não tem continuidade, não faz parte de um plano de acção que se vai ligar a outras situações humorísticas. O contraste com Keaton é profundo. Basta comparar com **The General**, onde todo e qualquer *gag* estava calculado para fazer avançar a história. Porque talvez seja essa a fragilidade dos filmes de Harold Lloyd: um argumento que não se limite a juntar as

piadas. É só na segunda parte que **Safety Last** apresenta uma maior consistência, não tanto no que se refere aos seus momentos mais famosos, da subida do edifício, mas do jogo de Harold com o polícia, quando procura distraí-lo, aqui mais próximo dos melhores momentos de outros filmes mais importantes do actor (a glória de **Safety Last** encontra-se na referida escalada, que encontramos em todas as antologias e documentários sobre Harold): **The Freshman**, **Why Worry** e, principalmente **Feet First**, de 1930, onde leva a uma maior perfeição e a um suspense mais completo essa cena da escalada (o êxito levou-o a repeti-la mais de uma vez, e voltamos a encontrar Harold à "beira do abismo" num arranha-céus em **Mad Wednesday**, o seu último filme, de 1948).

A intriga (?) é clássica dos filmes de Harold Lloyd: o jovem de lunetas sem vidros (assim vê a vida cor-de-rosa) vai à conquista do mundo por amor de sua dama. esta não é, portanto, mais do que um pretexto para colocar à prova as suas capacidades. Se no burlesco o papel da "heroína" é quase sempre esse, em Chaplin ou Keaton ela acompanha ainda a aventura, participa nela, pode ser sua vítima ou agente. Em quase todos os filmes de Lloyd, ela é apenas uma presença, como acontece especialmente em **Safety Last**. Presença em recordação levando o herói a tentar oportunidades de fazer fortuna (os mil dólares para a escalada), e presença física, que o "obriga" a fazer das tripas coração e a assumir aquilo que afirmava ser. Tudo se centra, portanto, em volta do "herói", neste caso de Harold Lloyd. E este vai orientando o filme para o grande momento, da última bobina, em que tem de substituir o amigo alpinista e fazer ele próprio a escalada, andar a andar, cada um deles com *gags* construídos à volta de uma mesma coisa: num andar é o "ataque" dos pombos, noutra o da janela, noutra, enfim, o fabuloso *gag* do relógio, que parece indicar que ele tem "os minutos contados". Os *gags* surgem impecáveis e perfeitos mas, como já dissemos, bastam-se a si mesmos e podem, por isso, ser vistos de *per si*, sem ligação directa com os filmes na totalidade. É talvez por isso que as antologias que Lloyd realizou nos anos 50 e 60 sobre a sua obra (**A Comédia da Vida**, **O Lado Cómico da Vida**), sejam quase filmes independentes, outras "colectânea" de *gags*. Não precisava de história. Bastava a sua presença e os "melhores momentos". De certo modo soube trabalhar bem a sua imagem e criar um "culto de personalidade". Embora o tenha feito à custa da sua obra.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico